

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODO - CCCO
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS-HISTÓRIA

HELEN CRISTINA ALVES DOS SANTOS

O CONCEITO DE PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA COLEÇÃO 'ARARIBÁ MAIS'

CODÓ-MA

2025

HELEN CRISTINA ALVES DOS SANTOS

O CONCEITO DE PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA COLEÇÃO ‘ARARIBÁ MAIS’

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. Alex de Sousa Lima

CODÓ-MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Helen Cristina Alves dos.

O CONCEITO DE PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA
DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA COLEÇÃO ARARIBÁ MAIS /
Helen Cristina Alves dos Santos. - 2025.
24 f.

Orientador(a): Alex de Sousa Lima.

Curso de Ciências Humanas - História, Universidade
Federal do Maranhão, Codó-ma, 2025.

1. Paisagem. 2. Ensino de Geografia. 3. Livro
Didático. I. Lima, Alex de Sousa. II. Título.

HELEN CRISTINA ALVES DOS SANTOS

O CONCEITO DE PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA COLEÇÃO ‘ARARIBÁ MAIS’

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Codó-MA, 27/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex de Sousa Lima
LCH-História/CCCO/UFMA
Orientador

Profª. Dra. Fabiana Pereira Correia
DGEO/CCH/UFMA
Examinadora 1

Prof. Dr. José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior
LCH-História/CCCO/UFMA
Examinador 2

Dedico este trabalho, com amor e saudade, em memória do meu tio Carlos Antônio que faleceu em 07 de setembro de 2017.

Aos meus avós maternos que vivos estão, Maria e Jose, cujos exemplos de dignidade, esforço e sabedoria continuam a iluminar meus caminhos.

À minha mãe Francinete, por seu amor incondicional, coragem e força diante da vida. Sem ela, esta conquista não teria sido possível.

Ao meu irmão Herio Jonson, que recentemente concluiu sua graduação em Ciências Naturais-Biologia, em 2024, pela mesma universidade. Seu exemplo e perseverança me inspiraram e fortaleceram durante essa jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder saúde, sabedoria e força nos momentos de cansaço e incerteza. Ao meu orientador, Prof. Dr. Alex de Sousa Lima, pela orientação dedicada, paciência e incentivo constante, que foram essenciais para a construção deste trabalho.

A todos os professores e colegas do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas -História, pelo aprendizado compartilhado e pelas trocas significativas ao longo da caminhada.

À minha família, em especial a minha mãe e ao meu irmão, pelo apoio incondicional, compreensão nos momentos de ausência e por sempre acreditarem no meu potencial.

Aos meus amigos e amigas que, de diversas formas, estiveram presentes, seja com palavras de encorajamento, ajuda prática ou simplesmente com sua companhia.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão, -Campus de Codó, por proporcionar a oportunidade de formação e crescimento pessoal e profissional.

Por fim, a todas as pessoas que direta e indiretamente ajudaram a realizar esta etapa de formação.

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	11
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

O CONCEITO DE PAISAGEM NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA COLEÇÃO ‘ARARIBÁ MAIS’

THE CONCEPT OF LANDSCAPE IN THE GEOGRAPHY TEXTBOOK FOR THE 6TH
GRADE OF ELEMENTARY EDUCATION FROM THE ‘ARARIBÁ MAIS’ COLLECTION

EL CONCEPTO DE PAISAJE EN EL LIBRO DE TEXTO DE GEOGRAFÍA DE 6.º
GRADO DE EDUCACIÓN PRIMARIA DE LA COLECCIÓN ‘ARARIBÁ MAIS’

Helen Cristina Alves dos SANTOS¹
Alex de Sousa LIMA²

RESUMO

A abordagem de conceitos nos livros didáticos do Ensino Fundamental é fundamental para promover uma leitura de mundo e estudar sobre a forma como são trabalhados torna-se tarefa necessária. O objetivo é compreender como se dá a abordagem do conceito de paisagem no Livro Didático de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental da Coleção ‘Araribá Mais’ de 2018. A pesquisa é de caráter qualitativa, com abordagem descritiva e analítica, fundamentando-se em revisão bibliográfica e análise de conteúdo por meio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A análise documental foi realizada a partir da leitura crítica do livro didático, com ênfase nos trechos em que o conceito de paisagem é apresentado ou explorado a forma como são apresentadas as figuras. Os resultados evidenciam que embora o livro apresente o conceito de forma integrada, ainda há limitações quanto a profundidade teórica e ao estímulo ao pensamento crítico, exigindo uma mediação atenta em sala de aula. Conclui-se o livro não incentiva a problematização de questões ambientais, territoriais e sociais que atravessam o cotidiano dos estudantes.

Palavras-chave: Paisagem; Ensino de Geografia; Livro didático.

ABSTRACT

The approach to concepts in elementary school textbooks is fundamental to promoting a global understanding, and studying how they are addressed becomes a necessary task. The objective is to understand how the concept of landscape is addressed in the 6th-grade Geography Textbook from the 2018 "Araribá Mais" Collection. This is a qualitative study with a descriptive and analytical approach, based on a bibliographic review and content analysis, and the National Common Curricular Base (BNCC). Document analysis was conducted based on a critical reading of the textbook, emphasizing the passages in which the concept of landscape is presented or explored and the way in which figures are presented. The results show that, although the textbook presents the concept in an integrated manner, there are still limitations in theoretical depth and in stimulating critical thinking, requiring attentive mediation on the part of the teacher. The conclusion is that the textbook does not encourage the problematization of environmental, territorial, and social issues that permeate students' daily lives.

Keywords: Landscape; Geography Teaching; Textbook

RESUMEN

El abordaje de conceptos en los libros de texto de primaria es fundamental para promover una comprensión global, y estudiar cómo se abordan se convierte en una tarea necesaria. El objetivo es comprender cómo se aborda el concepto de paisaje en el Libro de Texto de Geografía de 6.º grado de la Colección "Araribá Mais" 2018. Se trata de un estudio cualitativo con un enfoque descriptivo y analítico, basado en una revisión bibliográfica y un análisis

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas-História do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: helen cristina92@outlook.com.

² Professor Associado II do Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas-História. E-mail: alex.lima@ufma.br.

de contenido, y en la Base Curricular Nacional Común (BNCC). El análisis documental se realizó a partir de una lectura crítica del libro de texto, haciendo hincapié en los pasajes donde se presenta o explora el concepto de paisaje y en la forma en que se presentan las figuras. Los resultados muestran que, si bien el libro de texto presenta el concepto de forma integrada, aún presenta limitaciones en la profundidad teórica y en la estimulación del pensamiento crítico, lo que requiere una mediación atenta por parte del docente. La conclusión es que el libro de texto no fomenta la problematización de las cuestiones ambientales, territoriales y sociales que permean la vida cotidiana del alumnado.

Palabras clave: Paisaje; Enseñanza de la Geografía; Libro de texto.

1 INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, o livro didático é um dos principais recursos pedagógicos, sendo muito usado por docentes e estudantes em várias fases da educação básica. Ele vai além de um simples recurso de apoio, desempenhando um papel fundamental na estruturação do currículo, na escolha dos conteúdos e na mediação do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Oliveira e Giordani (2017) o livro didático é reconhecido como uma importante ferramenta de difusão de conhecimentos, ideologias, relacionando a escola com o mundo, as políticas públicas, os currículos, a avaliação, a formação de professores, entre outras

Sendo assim, é importante que professores e gestores fiquem atentos ao aspecto ideológico presente nesse material, entendendo que seu uso deve ser sempre crítico e reflexivo. O livro didático pode ser uma ferramenta valiosa para democratizar o acesso ao conhecimento, mas isso depende de como ele é utilizado na prática educativa.

Portanto, cabe ao professor não apenas transmitir o conteúdo, mas também questionar, discutir e acrescentar informações, ajudando os estudantes a ampliarem sua visão de mundo e promovendo uma formação mais crítica e consciente.

Considerando essas possibilidades, é reconhecido como aquele que primeiro apresenta os conceitos das ciências, e, neste caso, os da ciência geográfica aos alunos e alunas da educação básica. Dentre eles, o conceito de paisagem que é tido como polissêmico, ou seja, com diversas compreensões quanto ao significado (Baldin, 2021).

Trata-se de uma categoria clássica da Geografia, um dos mais antigos conceitos-chave, desta área da ciência, mas que somente no século XIX foi concebido “como conhecimento científico dentro da sistematização do saber geográfico” (Baldin, 2021, p. 1). Segundo Santos (1996) paisagem não é apenas uma representação visual, mas um produto das relações sociais, econômicas e culturais que se manifestam em um determinado espaço. Nesse sentido, pode-se compreendê-la como expressão visível e invisível de elementos que interagem na construção de cada espaço.

De outra forma, Corrêa (2005, p. 22) entende que as “[...] sociedades, através de suas relações de trabalho, transformam a si, a natureza, resultando na produção do espaço que incorpora e reflete, na paisagem”. Na mesma direção, Baldin (2021) entende que a paisagem é fruto do processo sócio-histórico, portanto, se constrói e reconstrói, resultando sempre em interações complexas. Concorde-se com o autor, pois cada paisagem apresenta as suas singularidades exatamente devido às características únicas de cada interação.

Cabe ressaltar que o conceito de paisagem tem sido amplamente debatido no contexto dos livros didáticos, o que de acordo com Myanaki (2003, p.09) deve ser estudada como forma de “perceber simultaneamente o conjunto de elementos que estão interagindo na construção do espaço”. Segundo Callai (2010), paisagem no livro didático é frequentemente apresentada de maneira descritiva e visual, enfatizando apenas os elementos naturais ou construídos, o que pode limitar uma compreensão mais crítica e dinâmica do espaço geográfico. Para a autora, paisagem deve ser trabalhada como expressão de transformações provocadas por ações humanas, o que exige uma leitura mais aprofundada das imagens e dos contextos representados nos materiais didáticos.

Noutra perspectiva, Carlos (2008) aponta que nos livros didáticos a paisagem é repassada com a ideia de um recorte estático da realidade, desconsiderando os processos históricos e as contradições sociais que moldam o espaço. Segundo a autora, o entendimento deve compreendê-la como resultado da interação entre natureza e sociedade, refletindo valores, interesses e disputas que se manifestam no território. A partir disso, sugere que o ensino de Geografia incorpore análises mais críticas das paisagens, incentivando estudantes a questionar o que veem e a compreender as múltiplas camadas de significado presentes nas representações dos livros didáticos.

Dessa forma, para Cavalcanti (2013), quando bem explorada no ensino, a paisagem pode ser um poderoso instrumento para potencializar a percepção espacial e a consciência crítica. A autora afirma que muitos livros didáticos ainda apresentam imagens sem contexto ou explicações e que isso limita a possibilidade de interpretação dos aspectos puramente estéticos. Nesse sentido, entende-se que é fundamental estimular a leitura crítica de paisagem, promovendo debates sobre os processos sociais, econômicos e culturais que ela expressa. Desse modo, percebe-se que a paisagem no contexto do livro didático de Geografia se tornaria mais significativa e articulada aos elementos da realidade em sala de aula.

Desta forma, entender como o conceito de paisagem é trabalhado no Livro Didático de Geografia torna-se fundamental para a compreensão de como este está sendo repassado na educação básica. Conforme Castellar e Vilhena (2010, p.139), “a possibilidade de trabalhar o

livro didático relacionando-o com a vida cotidiana é essencial”. No entanto, como destacado por Pina (2009), a prática escolar revela que isso nem sempre é explorado e que os docentes, de modo geral, ainda utilizam o livro de forma mecânica, promovendo apenas a reprodução de conceitos, sem incentivar uma leitura crítica da realidade.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral compreender como se dá a abordagem do conceito de paisagem no Livro Didático de Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental da Coleção ‘Araribá Mais’ de 2018. Tendo como objetivos específicos, Investigar a concepção de paisagem apresentada no livro em comparação com as teorias de geógrafos que abordam esse conceito, Refletir sobre as contribuições e limitações do livro didático na formação da perspectiva geográfica em sala de aula, em relação à paisagem, Avaliar de que forma o material didático possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico e da percepção espacial dos estudantes em relação à paisagem.

Intenta-se trabalhar com essa temática com a perspectiva de obter respostas aos seguintes questionamentos: Qual a forma de abordagem do conceito de paisagem no livro didático de Geografia da Coleção Araribá Mais? Qual a relação entre o conteúdo e as figuras do livro didático de Geografia da Coleção Araribá Mais quanto ao conceito de paisagem? Imagina-se que as possíveis respostas a tais questionamentos possam gerar contribuições à discussão do conceito no livro didático de Geografia.

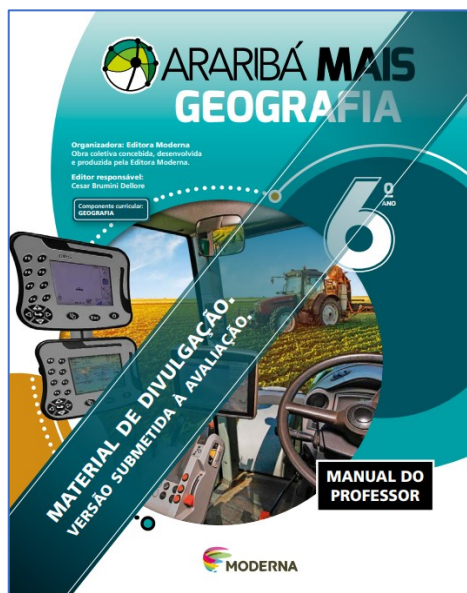
2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem o caráter qualitativo, com abordagem descritiva e analítica que, conforme Minayo (2001), é apropriada para compreender o universo dos significados, das motivações e das relações humanas sendo, portanto, coerente com a proposta deste estudo, que se volta à análise crítica de conteúdos escolares. Foi feita uma revisão de literatura, usando pesquisa em livros e artigos, com o objetivo de entender o que autores dizem sobre o conceito de paisagem na Geografia. Além disso, foi analisado como esse conceito aparece no livro didático do ensino fundamental.

Adotou-se como procedimento metodológico a análise documental, centrando-se na leitura crítica do livro didático de Geografia da coleção Araribá Mais, edição de 2018 (Figura 1), destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental. Este exemplar conta com 8 unidades temáticas abrangendo 18 capítulos seguindo os conteúdos exigidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), totalizando 292 páginas na versão digital em PDF e 240 páginas na versão física. A análise compreendeu a leitura integral do material, com ênfase nos trechos em que o

conceito de paisagem é apresentado ou discutido. A escolha da obra da Coleção ‘Araribá Mais’ se justifica pela ampla adoção nas escolas públicas brasileiras, especialmente no ensino fundamental, sendo utilizada como o principal material didático nas aulas de Geografia.

Figura 1 – Capa do livro Araribá Mais Geografia (6º ano).



Fonte: Editora Moderna (2018).

A Unidade I é composta por três capítulos, sendo o primeiro capítulo o escolhido para estudo e análise por apresentar de forma introdutória e conceitual os fundamentos da Geografia, em especial com ênfase no conceito de paisagem. Esse capítulo discute os principais elementos que compõem a paisagem, diferenciando os aspectos naturais e culturais, e propõe atividades que favorecem a observação, análise e interpretação crítica do espaço vivido pelos alunos. É neste capítulo que o conceito de paisagem é apresentado, portanto, se justifica a escolha por analisá-lo.

A unidade é composta por 12 tópicos, distribuídos em 24 páginas, com 32 figuras ilustrativas. Para esta pesquisa, foram selecionadas algumas figuras desta unidade para a análise posterior. Destaca-se ainda que essa unidade apresenta textos, imagens, atividades e esquemas que introduzem e aprofundam o conceito de paisagem, articulando elementos naturais e culturais, e sua relação com o espaço geográfico.

O estudo foi orientado por uma abordagem teórica baseada em autores da Geografia crítica, como: Santos (1996), Haesbaert (2006), Carlos (2008), Callai (2010) e Cavalcanti (2013). Também foram consideradas as diretrizes curriculares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que norteiam o ensino de Geografia na educação básica. A análise concentrou-se em alguns trechos do conteúdo e em figuras buscando-se compreender de que

modo o conceito era abordado, como: A definição do conceito de paisagem; a forma de apresentação nos textos e figuras; a articulação com a categoria e conceitos geográficos; e, a presença ou a ausência de propostas que estimulem a leitura crítica das paisagens. A partir dessa análise, buscou-se compreender de que forma o livro contribui para a formação de pensamento crítico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados da seguinte forma: i) análise de conteúdo acerca dos aspectos conceituais de paisagem na Geografia; e, ii) estudo das figuras/imagens representativas de paisagens frente ao conteúdo. Nesse sentido, a obra analisada conceitua a paisagem de forma integrada, entendendo-a como conjunto de elementos naturais e culturais que interagem no espaço geográfico. Pode-se observar esta constatação no seguinte trecho “Para a Geografia, porém, a paisagem não é apenas um belo panorama natural; ela é o conjunto dos elementos naturais e culturais que podem ser vistos em um lugar” (Moderna, 2018, p.12).

Percebe-se que a obra adota o conceito em consonância com a perspectiva crítica de Santos (1996), para quem paisagem é a materialização das relações sociais e históricas que se desenrolam no espaço. Por isso, a paisagem não é algo neutro ou fixo, ela mostra as contradições, desigualdades e mudanças próprias de cada sociedade em um determinado momento e lugar. Esse jeito de olhar amplia a nossa compreensão, indo além do simples aspecto natural e incluindo também as dimensões social e histórica.

Assim, conseguimos fazer uma análise mais crítica e completa do espaço geográfico. Compreende-se que apesar dessa definição representar um esforço inicial de integração entre natureza e sociedade no processo de construção do conceito de paisagem, prioriza a descrição visual sem aprofundamento crítico.

Destaca-se que o livro relaciona a paisagem ao espaço geográfico definindo-o como “[...] O conjunto integrado de paisagens resultantes de fenômenos naturais e da ação humana ao longo do tempo” (Moderna, 2018, p.18). Embora o conceito esteja formalmente bem apresentado, observa-se a ausência de um aprofundamento acerca dos processos sociais, econômicos e políticos que influenciam essas mudanças. Percebe-se que isso dialoga com a crítica de Carlos (2008), que aponta o caráter estático e superficial com que paisagem é frequentemente abordada nos livros didáticos, desconsiderando as dinâmicas de poder e as contradições sociais que moldam o espaço geográfico. Conforme Santos (1996), compreender a paisagem implica analisá-la como resultado da interação entre técnica, marcada por

permanências e mudanças decorrentes da ação humana em diferentes contextos históricos. De modo semelhante, Cavalcanti (2013) defende que o ensino de Geografia deve problematizar a paisagem, estimulando o estudante a compreender as suas múltiplas dimensões e as relações de poder que a configuram, superando abordagens meramente descritivas.

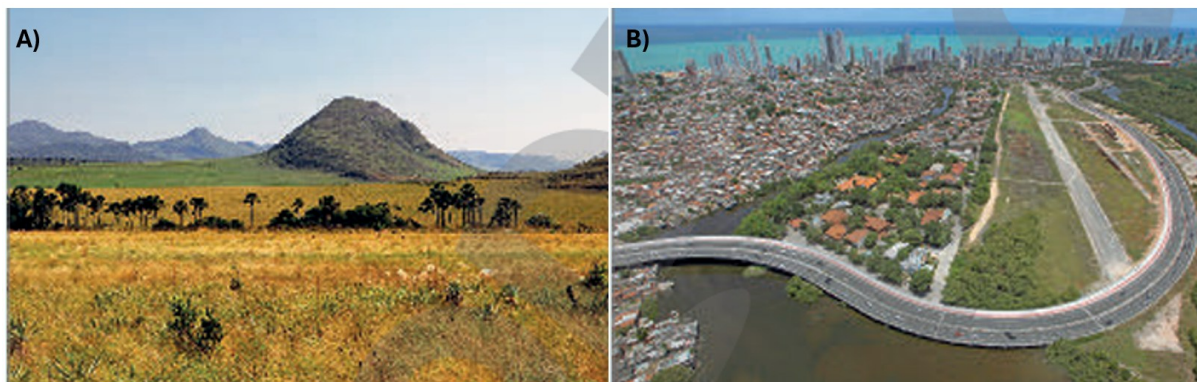
No capítulo inicial da Unidade 1, o livro didático Moderna (2018) distingue os elementos naturais e culturais da seguinte forma: “em algumas paisagens são observados poucos elementos culturais ou apenas elementos naturais” (Moderna, 2018, p.13). Essa distinção inicial, embora didaticamente pertinente, revela uma concepção de paisagem centrada na aparência visual, o que pode limitar a compreensão mais ampla e crítica do conceito.

Em consonância com a Geografia Crítica, sobretudo em Santos (1996), entende-se que a paisagem ultrapassa o aspecto meramente estético ou natural, sendo resultado das relações sociais inscritas no espaço geográfico. Nessa perspectiva, paisagem é um produto da interação dinâmica entre o natural e o social, evidenciando que mesmo aquelas consideradas naturais estão permeadas por marcas culturais e históricas que nem sempre são evidentes à primeira vista.

Em contraponto, Haesbaert (2006) enfatiza que a paisagem é socialmente construída, um espaço onde os elementos naturais e culturais estão entrelaçados de forma inseparável, refletindo as tensões e as contradições do modo de produção. Assim, a simples separação entre natural e cultural no livro Araribá deve ser problematizada para que estudantes desenvolvam uma visão crítica e integrada do espaço geográfico. Desse modo, ao articular o trecho do livro com os aportes teóricos da Geografia Crítica, evidencia-se a necessidade de uma abordagem didática que ultrapasse os aspectos visuais reconhecendo-a como expressão concreta das relações sociais, econômicas e políticas presentes, especialmente em consonância com as competências na BNCC.

Quanto aos aspectos visuais as figuras a seguir serão analisadas frente ao conteúdo textual. Na página 12, do livro didático de Geografia em questão, pode-se notar a Figura 1, com destaque para a Figura 1 que retrata o predomínio de elementos naturais que compõem a paisagem constituída pela ação da natureza, como formas de relevo, montanhas, serras, planaltos e planícies. Por outro lado, a Figura 1B aponta para o predomínio de elementos culturais ou humanizadas, construídos pelas modificações da ação humana como casas, prédios, pontes, rodovias e áreas verdes.

Figura 1 – Exemplos de paisagens: A) natural e B) humanizada/cultural.



Fonte: Moderna (2018) pág. 12

A mesma página apresenta figura de florestas, montanhas e cidades, incentivando a diferenciação visual desses elementos. No entanto, como alerta Callai (2010), a ênfase na descrição visual pode limitar o desenvolvimento da leitura crítica, se não for acompanhada por mediação docente qualificada. Entende-se que as paisagens possuem sons e cheiros que apenas o campo visual não consegue descrever. Sendo assim, cabe destacar as habilidades apontadas pela BNCC relacionadas ao estudo da paisagem na Geografia (Quadro 1). O quadro indica pelo menos cinco habilidades que deveriam permear a compreensão do conceito de paisagem dentro do livro didático e na prática docente.

Quadro 1 – Habilidades da BNCC relacionadas ao estudo da paisagem.

HABILIDADE	DESCRIÇÃO
EF06GE01	- Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos;
EF06GE02	- Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários;
EF06GE05	- Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais;
EF06GE06	- Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária;
EF06GE11	- Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo.

Fonte: BNCC (2018).

Já na Figura 2, na página 13, a paisagem humanizada é descrita como: “Resultante da transformação da natureza pelo trabalho humano” (Moderna,2018, p.13). Na Figura 2A é

possível notar uma das interações humanas com a paisagem, que é o acúmulo de resíduos sólidos na praia. Em contraponto, na Figura 2B percebe-se uma antiga civilização rodeada de prédios modernos em um centro histórico. Essas formas de paisagem ajudam a compreender a complexidade das paisagens humanizadas. Esse ponto é central na Geografia Crítica, pois evidencia que o espaço é produzido socialmente. Por sua vez, Corrêa (2005) afirma que a paisagem resulta das relações sociais de produção e do trabalho, constituindo-se como expressão material das práticas humanas historicamente construídas.

Figura 2 – Paisagens humanizadas: A) poluição na praia e B) ruínas de antigas civilizações.



Fonte: Moderna, 2018, pág. 13

Observa-se, ainda na página 13, que o livro estabelece a distinção entre paisagem natural e humanizada, apoiando-se na concepção de que a primeira é composta por elementos que resultam predominantemente da ação da natureza, enquanto a segunda é fruto da intervenção humana. Embora essa classificação seja didaticamente útil, apresenta limites quando analisada a luz da Geografia Crítica. Para Santos (1996), a paisagem nunca é totalmente natural, pois mesmo as áreas aparentemente intocadas carregam marcas da ação humana, seja pela apropriação econômica, seja pelas representações culturais atribuídas a elas. Essa reflexão reforça a necessidade de considerar que as paisagens são sempre social e historicamente produzidas, o que implica superar uma visão dicotômica entre natureza e cultura.

Como aponta Carlos (2008), a paisagem deve ser entendida como mediação entre o ser humano e espaço, resultante das práticas sociais que se materializam no território. Dessa forma, a categorização proposta pelo livro didático precisa ser trabalhada pelo professor como ponto de partida, mas não como conceito acabado. Além disso, a análise das figuras e do texto revela uma ênfase em aspectos descritivos, direcionando o olhar do estudante para a identificação visual de elementos da paisagem. Embora esse recurso seja importante na fase inicial de aprendizagem, há risco de reduzir a compreensão do espaço a uma soma de objetos visíveis.

Em contrapartida, como destaca Cavalcanti (2013), o ensino de Geografia deve favorecer a leitura crítica do mundo vivido, levando o aluno a compreender que a paisagem é uma expressão das relações de poder, da economia e da sociedade, não apenas um conjunto de formas visuais.

Nessa perspectiva, cabe realizar a mediação necessária para que os estudantes avancem da simples identificação para a interpretação crítica das transformações espaciais. Isso significa problematizar, por exemplo, determinadas paisagens humanizadas apresentadas no livro, como: rodovias, plantações ou áreas urbanas. Cabe ressaltar que o livro didático em análise busca relacionar paisagens distintas como as áreas urbanas, rurais e naturais, com o objetivo de favorecer a percepção das diferenças visuais entre elas. Todavia, a abordagem tende a enfatizar um olhar fragmentado sobre o espaço, no qual cada paisagem é apresentada como um recorte isolado, sem maior problematização sobre as interações e contradições sociais que as constituem.

Segundo Santos (1996), o espaço deve ser compreendido como um sistema de objetos e ações que se articulam em diferentes escalas. A paisagem, portanto, não pode ser reduzida a uma mera justaposição de formas, mas deve ser entendida como expressão concreta das relações sociais historicamente situadas. Assim, quando o livro apresenta fotos de cidades modernas, áreas agrícolas mecanizadas ou florestas preservadas, abre-se a possibilidade de discussão crítica sobre quem se beneficia dessas formas de uso do espaço e quem é excluído desse processo.

Entende-se que a simplificação do uso do conceito não pode cair na armadilha de empobrecê-lo, pois isso poderia gerar a vulgarização do termo. Desta forma, elas silenciam aspectos como a concentração fundiária, os impactos ambientais, as desigualdades sociais no campo, entre outras. Deve-se considerar, como alerta Haesbaert (2006), que a paisagem é também um campo de disputas e tensões, e sua leitura deve considerar os conflitos territoriais que nela se expressam.

Do mesmo modo, quando são apresentados os recortes de paisagens urbanas, como prédios e áreas residenciais, o material didático enfatiza o aspecto da transformação pelo trabalho humano, todavia não problematiza os processos de segregação socioespacial, desigualdade de acesso à moradia e impactos ambientais da urbanização acelerada.

A página 15 do livro didático apresenta a seção “As transformações da paisagem”, com a intenção de mostrar que a paisagem está em constante mudança, considerando-a como “não estática, pelo contrário, está em permanente transformação, pelos fenômenos da natureza ou pela ação humana” (Moderna, 2018, p.15). Desta forma, a Figura 3 aponta para duas leituras da

paisagem ao longo do tempo, sendo a 3A no período mais antigo e 3B numa perspectiva mais contemporânea.

Figura 3 – As transformações das paisagens



Fonte: Moderna, 2018. Pág. 15

Todavia essa visão se alinha a habilidade EF06GE06 da BNCC, que propõe identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano. Contudo, novamente, a obra se limita a exemplos simples e diretos, sem explorar com maior profundidade os conflitos socioambientais envolvidos, o que Carlos (2008) e Cavalcanti (2013) defendem como essencial para a formação do pensamento geográfico crítico.

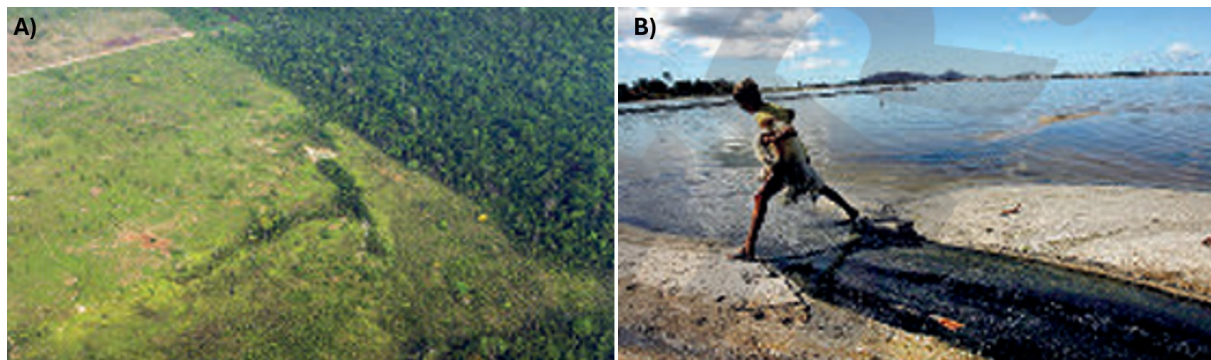
Esse trecho faz uma crítica bem relevante à superficialidade do livro analisado. O ponto de vista que ele traz é que, mesmo apresentando os conteúdos de uma maneira fácil de entender, a obra não aborda questões mais complexas, como os conflitos socioambientais, que são essenciais para ajudar os estudantes a desenvolver um olhar crítico.

No trecho “As intervenções humanas podem modificar a paisagem, degradando o meio ambiente” (Araribá, 2018, p.16) poderia ser inserida uma discussão sobre as causas estruturais dessas ações, como o modelo de desenvolvimento, as desigualdades sociais ou as disputas pelo território, conforme propõem Carlos (2008) e Cavalcanti (2013). Também é apontado que “as intervenções humanas podem modificar a paisagem, degradando o meio ambiente” (Araribá, 2018, p.16). Isso é expresso na Figura 4 que destaca o avanço do desmatamento (Figura 4A) e o vazamento de petróleo nas águas oceânicas (Figura 4B).

O livro apresenta diversas atividades e orientações para professores, inclusive no manual digital, sugerindo sequências didáticas integradoras. Destaca-se, por exemplo, a proposta de análise de planos fotográficos (primeiro, segundo e terceiro plano) na página 14, com imagens do bairro da Vila Velha (ES), observadas do Convento da Penha. Essas atividades buscam desenvolver a leitura visual da paisagem e pode ser potente, se aliada a discussões sobre

desigualdade, identidade e história do lugar. Como aponta Cavalcanti (2013), é necessário ultrapassar a superfície da figura e considerar os processos que a produzem.

Figura 4 – Transformações das paisagens em ambientes degradados



Fonte: Moderna 2018, Pág.16

Além disso, a unidade está vinculada a temas da BNCC como: i) O sujeito e seu lugar no mundo; ii) Formas de representação e pensamento espacial; iii) Natureza, ambientes e qualidade de vida. Também as competências gerais da BNCC, como: 1) Valorização do conhecimento sobre o mundo físico e social; 6) Compreensão das relações de trabalho e cidadania; e, 10) Ação com responsabilidade e consciência ambiental. Porém, a abordagem no livro didático, apesar de alinhada formalmente, ainda carece de aprofundamento no estímulo ao pensamento crítico.

Na página 17, o livro discute as “Paisagens naturais preservadas”, abordando sua importância para a biodiversidade, pesquisa científica, medicina, turismo e proteção de culturas tradicionais. Menciona-se, por exemplo, a necessidade de Unidades de Conservação e leis de proteção ambiental. Apesar de ser um conteúdo relevante, a discussão aparece de forma genérica e pouco relacionada às realidades vividas pelas estudantes, o que dificulta o engajamento e a análise crítica.

Para Santos (1996), compreender a paisagem implica interpretar os espaços históricos acumulados no espaço, o que não está suficientemente explorado na obra. Na página 18, ao tratar da poluição por mercúrio nos rios da Amazônia, o livro menciona os impactos do garimpo e da contaminação, mas a abordagem é isolada, sem articulação com as contradições do modelo econômico vigente. Sobre essa perspectiva, Carlos (2008) e Haesbaert (2006), ressaltam a importância de considerar as desigualdades e os conflitos territoriais que perpassam a produção do espaço, algo que o livro não aprofunda.

Dessa forma, a análise do conteúdo textual, das figuras e das atividades propostas no livro Araribá Mais (2018) evidencia que, embora a obra apresente um esforço em conceituar paisagem de maneira integrada, articulando elementos naturais e culturais, sua abordagem permanece marcada pelo viés descritivo e visual. As distinções entre paisagens naturais e humanizadas, embora didaticamente úteis, carecem de aprofundamento crítico, sobretudo quando se trata de compreender a paisagem como produto das relações sociais, econômicas e políticas, conforme defendem Santos (1996), Haesbaert (2006), Carlos (2008) e Cavalcanti (2013).

As figuras e exemplos destacados favorecem a percepção inicial das transformações do espaço, mas nem sempre problematizam os conflitos socioambientais, as desigualdades socioespaciais e as contradições do modelo de desenvolvimento capitalista. Assim, ainda que o material esteja formalmente alinhado às competências e às habilidades da BNCC, a análise indica que a mediação docente é indispensável para superar o caráter fragmentado e visual do conteúdo, conduzindo os estudantes a uma leitura crítica da paisagem e do espaço geográfico em suas realidades.

Portanto, constata-se que os resultados apontam para uma lacuna entre a definição conceitual apresentada pelo livro. A obra se mostra como um recurso inicial relevante, mas que demanda complementação e problematização crítica, a fim de possibilitar que os alunos compreendam a paisagem não apenas como um conjunto de formas visíveis, mas como expressão histórica das relações de poder, das disputas territoriais e dos processos sociais em permanente transformação.

Além disso, fazendo-se um paralelo com a realidade educacional de Codó, observa-se que os desafios relacionados ao ensino da Geografia se intensificam, sobretudo diante de limitações estruturais e do tempo reduzido para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Nesse contexto, a abordagem do livro Araribá Mais (2018), marcada pelo predomínio descritivo, pode ser insuficiente para estimular a leitura da paisagem, caso não haja uma mediação pedagógica comprometida com o desenvolvimento do pensamento reflexivo dos estudantes.

Na prática escolar codoense, muitos alunos vivenciam cotidianamente transformações espaciais relacionadas ao campo e à cidade, como a expansão urbana, os impactos ambientais decorrentes de atividades econômicas e as desigualdades sociais presentes no território. Entretanto, baseando-se nas minhas experiências como aluna e graduanda, tais vivências raramente são exploradas no processo de ensino-aprendizagem. Assim, a mediação docente torna-se ainda mais fundamental para articular os conteúdos do livro às experiências locais dos

estudantes, valorizando a realidade vivida como ponto de partida para compreender a paisagem como produto das relações sociais, culturais e econômicas.

Dessa forma, a análise evidencia que o livro didático, quando utilizado de maneira crítica, pode contribuir para que os estudantes de Codó compreendam o espaço em que vivem não apenas como um conjunto de formas visíveis, mas como resultado de processos históricos em constante transformação. Essa perspectiva, alinhada à Geografia Crítica e às competências da BNCC, fortalece o papel da educação no município como instrumento de leitura do mundo e de formação cidadã.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender como o conceito de paisagem é abordado no livro didático de Geografia da coleção Araribá Mais (2018), utilizado no 6º ano do Ensino Fundamental. A análise evidenciou que a obra apresenta uma concepção integrada de paisagem, contemplando elementos naturais e culturais que compõem o espaço geográfico. Apesar dessa abordagem ampla, observa-se que o tratamento do conceito no material didático ainda carece de aprofundamento crítico.

Logo, mediante o estágio, supervisionado nos anos finais do ensino fundamental no município de Codó-MA, que observei a importância da utilização das imagens no livro didático, na disciplina de geografia. Percebi que, muitas vezes, as figuras trazem um caráter mais ilustrativo do que explicativo, servindo como complemento visual do conteúdo escrito. No entanto, ao observar com mais cuidado, notei que elas podem ir muito além: as imagens carregam significados culturais, sociais e históricos que ajudam os alunos a compreenderem que a paisagem não é apenas o que se vê, mas sim um reflexo das relações humanas com a natureza.

Essa experiência me fez refletir sobre a importância do professor mediar a leitura das imagens. Quando o docente apenas apresenta a figura sem contextualizá-la, os estudantes podem ficar restritos a uma visão descritiva, enxergando a paisagem apenas como cenário. Mas, quando o professor provoca a análise crítica, a imagem se torna um recurso poderoso para estimular a compreensão da paisagem como resultado das ações humanas no espaço.

Assim, a observação feita no estágio reforçou para mim que o uso das imagens no ensino de Geografia precisa ir além da simples ilustração: elas devem ser trabalhadas de forma crítica, de modo que os alunos consigam interpretar a paisagem em sua complexidade, relacionando-a à sua própria realidade.

Logo, a paisagem é, em muitos momentos, apresentada de forma descritiva, sem explorar de maneira suficiente as relações históricas, sociais e políticas que condicionam sua formação e transformação. Além disso, o livro não incentiva a problematização de questões ambientais, territoriais e sociais que atravessam o cotidiano de estudantes. Nesse sentido, destaca-se o papel fundamental da docente como mediador (a) do conhecimento, capaz de enriquecer o conteúdo do livro por meio de discussões críticas, atividades complementares e análise contextualizada da realidade local.

A prática docente pode tornar o conceito de paisagem mais significativo, promovendo uma compreensão mais complexa e reflexiva do espaço geográfico. Conclui-se, portanto, que, embora o livro Araribá Mais (2018) traga contribuições relevantes para o ensino de Geografia no nível em questão, sua eficácia depende da mediação pedagógica que o acompanha.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência: Introdução ao jogo e as suas regras**. São Paulo: Loyola, 2000, p.213.

DELTORE, Cesar Brumini, **ARARIBÁ MAIS: Geografia: Ensino fundamental**, Editora Moderna; editor responsável: Deltore.1. ed. São Paulo: Moderna, 2018. (6º ano).

CALLAI, Helena Copetti, **Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 133–152, 2015. DOI: 10.62516/terra_livre.2001.353. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 8 abr. 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: 4ª edição, Ática, 2005.

CASTELLAR, SONIA; MORAES, Jerusa Vilhena de. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. **Ensinar Geografia no Mundo Contemporâneo**. 5 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A natureza do espaço :técnica, tempo, razão e emoção**,6. ed. São Paulo: *Edusp*, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 8.ed. Campinas, SP:*Papirus*,2013.

DELLORE, Cesar Brumini. **Araribá Mais Geografia 6 ano: ensino fundamental, anos finais**. São Paulo:*Moderna*,2018.

ESCOLAR, M. **Problemas de legitimação científica na produção geográfica da realidade social**. In:ESCOLAR, M. **Crítica do discurso geográfico**. São Paulo:Hucitec,1996. p.9-47.

HAESBAERT, Rogerio. **Por uma outra globalização :do pensamento único à consciência universal** .6. ed. Rio de Janeiro: *Bertrand Brasil* ,2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Introdução.1 **Saber, Afeto e Interação**. In: JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber. Representações, comunidade e cultura**. Petropolis: *Vozes*,2008. p.19-77.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. São Paulo: Editora *Mestre JOU*,1991.

MYANAKY, Jacqueline. **A paisagem no ensino de geografia :uma estratégia didática a partir da arte**. 2003. Dissertação (Mestrado em geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento :pesquisa qualitativa em saúde** .7. ed. São Paulo:*Hucitec*,2001.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geossistemas: A história de uma**.2. ed. São Paulo: *Contexto*, 2001.

OLIVEIRA; Anselmo Gomes de; GIORDANI, Ana Claudia Carvalho. **Guia Do Livro Didático: Textualidades Em Tensões**. In: TONINI, I. M. (et. al.). (Org.). **O Livro Didático**

De Geografia E Os Desafios Da Docência Para A Aprendizagem. 1ed.Porto Alegre: *Sulina*, 2017, v. 1, p. 25-38.

PINA, P.P.G.do N. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de geografia** -João Pessoa, 2009. Dissertação (Mestrado em geografia) - Universidade Federal da Paraíba, 2009.
SANTOS, M.A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: *Hucitec*, 1996.

SILVA, Angélica Cáritas da. As categorias como fundamentos do conhecimento geográfico. In: SANTOS.; SOUZA, M.A.de (Org.). O espaço interdisciplinar. São Paulo:Nobel,1986. p.25-37.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.09-62. (Espaço geográfico. Paisagem).

SANTOS, **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia.** São Paulo:Hucitec,1988.